



# resenha

biblioteca clarice lispector



beal, sophia.  
brazil  
under construction  
fiction and  
public works.  
new york:  
palgrave macmillan, 2013.

**Larissa Satico Ribeiro Higa<sup>1</sup>**

O livro *Brazil Under Construction – Fiction and Public Works* (2013), de Sophia Beal (professora associada do Department of Spanish and Portuguese Studies, da Universidade de Minnesota),<sup>1</sup> propõe importante reflexão sobre a relação entre a cultura brasileira elaborada ao longo do século XX e as *obras públicas* estatais, às quais a narrativa oficial atribuiu ideais de modernização, coesão identitária e progresso. O trabalho situa-se no campo de estudos culturais e abrange análises de textos literários, canções, peças teatrais, charges e filmes. A pesquisa é interdisciplinar – envolvendo, por exemplo, geografia, arquitetura, história e política – e inovadora, por trazer ao âmbito da crítica literária o debate sobre *infraestrutura* e proporcionar diferente chave de leitura para os textos apresentados.

*Brazil Under Construction* parte da premissa de que diversos governos brasileiros – desde o início da República até a atualidade – usaram o investimento político e econômico em obras de *infraestrutura* não apenas com propósitos utilitários, voltados ao bem comum, mas com o intuito de forjar uma identidade nacional baseada na ideia de progresso. Assim, o principal objetivo do livro é demonstrar como a literatura brasileira contemporânea à realização desses empreendimentos contribuiu para a criação de narrativas alternativas sobre a nação, problematizando o discurso oficial e atentando os leitores à importância do papel da infraestrutura na construção de imaginários sobre o Brasil.

Esse argumento central é explicitado pela autora no capítulo introdutório (“An Introduction to the Fiction of Public Works”), onde também especifica o conceito que utiliza de “obra pública”: a infraestrutura relacionada aos “serviços públicos” (linhas elétricas, tubulação de esgoto, etc.); ao “transporte” (ruas, túneis, pontes) e à “geração de energia” (usinas hidrelétricas e estações de energia). A partir de estudiosos como James Holston, Roberto Schwarz e Antonio Candido, Beal explica a perpetuação das relações de dependência colonial no Brasil do século XX, tanto no que se refere ao processo de modernização quanto à literatura. A pesquisadora expõe o conteúdo dos seis capítulos do trabalho, organizados cronologicamente, e enfatiza a importância de seu argumento para discussões sobre o atual contexto político brasileiro, no que se refere aos protestos por melhor *infraestrutura* – como foi o caso das manifestações de junho de 2013 – e ao investimento governamental em *obras públicas* para os megaeventos esportivos desta década.

Confira entrevista com Sophia Beal nesta edição de *Opiniões*.

No segundo capítulo (“Conquering the Dark: Literature, Lightning and Public Space in Rio de Janeiro in the Early 1900s”), Beal analisa o diálogo entre a literatura carioca do começo do século passado e o projeto de modernização do Rio de Janeiro, na *belle époque*. A reforma urbana conhecida como *bota-abaixo*, do prefeito Pereira Passos, e o discurso oficial de conquista da escuridão foram elogiados por autores pró-governo, como Francisco Ferreira da Rosa e Olavo Bilac, e criticados por outros, como Lima Barreto, que reprovou o elitismo, a exclusão e o racismo inerentes ao projeto de modernização. O cronista João do Rio teve posição mais ambivalente, ora criticando as referidas reformas e a estética urbanística parisiense, ora valorizando em sua obra elementos da cidade ligados à escuridão.

“The Spectacle of Light: A Public Works Company in Southeastern Brazil (1906-1971)”, por sua vez, é capítulo dedicado às imagens da empresa canadense Light, elaboradas em nossa cultura de maneira ambígua: como símbolo tanto da melhora urbana e da industrialização do país, quanto da exploração e dependência do Brasil ao capital estrangeiro. A autora analisa, por exemplo, textos de Oswald de Andrade (“Postes da Light”, 1925), Mário de Andrade (“Eu nem sei se vale a pena”, 1945) e Patrícia Galvão (*Parque industrial*, 1933), além de peças teatrais, canções – como “Good-bye” (1932), de Carmem Miranda, e “A luz da Light” (1964), de Adoniran Barbosa – e poemas, como “Prezado cidadão” (1970), de Chacal. A parte final do capítulo é voltada às representações da hidrelétrica de Cubatão, que nos anos 1920 fora vista como elemento da inovação da engenharia e, nos anos 1980, firmou-se como símbolo da catástrofe nacional, dada a intensa poluição e os altos índices de mortalidade infantil na região, como o retratado pela banda mineira Sepultura, na canção “Biotech is Godzilla” (1993).

No quarto capítulo (“Brasília: the Real and Promised City in the 1990s Brazilian Literature”), a pesquisadora afirma que a cidade de Brasília dos anos 1960 era em parte real e em parte imaginária. O discurso oficial a apresentava, a partir de uma perspectiva utópica, como expressão da grandeza da nação, e a literatura questionou, muitas vezes, essa idealização. A autora argumenta – pela análise de enredo, vocabulário, foco narrativo e figuras de linguagem – como a imagem da cidade é mais complexa no conto “As margens da alegria” (1962), de Guimarães Rosa, na crônica “Brasília: cinco dias”, (1964), de Clarice Lispector, e no romance *Paralelo 16: Brasília* (1966), de José Geraldo Vieira. A construção da nova capital fora importante para uma narrativa oficial de fortalecimento da identidade nacional nos anos 1950, mas, ao mesmo tempo, não realizou, na prática, melhorias na qualidade de vida da população.

O quinto capítulo (“Fiction and Massive Public Works during the Brazilian Military Regime (1964-1985)”) enfoca as imagens culturais das obras faraônicas (a hidrelétrica de Itaipu, a rodovia Transamazônica e a ponte Rio-Niterói) realizadas pela ditadura militar no Brasil. Os governos militares foram conscientes da importância da cultura – haja visto o concurso de poemas promovido em 1971 pelo Ministério de Transportes para elogio da Transamazônica – tanto como propaganda do suposto progresso em curso quanto como maneira de desviar a atenção pública dos crimes estatais de lesa-humanidade. Três principais obras ficcionais são analisadas nesse capítulo: a peça *O túnel* (1968), de Dias Gomes, o filme *Bye bye Brasil* (1979), de Carlos Diegues, e o conto “A maior ponte do mundo” (1977), de Domingos Pellegrini. Cada uma delas, a seu modo, lançando mão de recursos linguísticos próprios, teceu críticas às megaobras da ditadura e, conseqüentemente, ao próprio regime militar.

O sexto e último capítulo (“São Paulo’s Failed Public Works in Ferréz’s *Capão Pecado* and Luiz Ruffato’s *Eles eram muitos cavalos*”) é centrado na análise de como *Capão Pecado* (2000), de Ferréz, e *Eles eram muitos cavalos* (2001), de Luiz Ruffato, trabalham com uma imagem da cidade de São Paulo, também simultaneamente real e imaginária, pautada no descuido com a manutenção ou na inexistência de *infraestrutura* na periferia da cidade. Ambas as obras reivindicam a si um caráter documental, reforçado, no caso de Ferréz, pelas fotografias do Capão Redondo que acompanham a primeira edição do livro. Trata-se de mostrar como esses textos reforçam o caráter excludente da construção de infraestrutura. Além disso, Beal parte de elaborações do romancista Orhan Pamuk para afirmar que as narrativas brasileiras em questão têm personagens que, influenciados por um ambiente com *infraestrutura* em deterioração, apresentam sentimento de desconexão, alienação, medo e derrota.

O epílogo consiste, por fim, em uma reflexão sobre a continuidade, no Brasil contemporâneo, do uso das *obras públicas* para formulação da narrativa oficial de progresso nacional. Seriam exemplos disso os pronunciamentos da presidenta Dilma Rousseff para legitimar a fortuna pública gasta em obras referentes aos dois megaeventos esportivos sediados no Brasil: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. De acordo com o governo, a ampliação de estradas e aeroportos, bem como a melhoria nos transportes públicos beneficiarão a longo prazo os cidadãos brasileiros comuns. No entanto, a perspectiva da população mais vulnerável socialmente é outra. Como observado por Raquel Rolnik, os legados desse investimento em *infraestrutura* já são: as remoções de populações pobres, os deslocamentos indiretos por gentrificação, o aumento dos aluguéis e a criminalização dos sem-teto. A pesquisadora discute, assim, as charges críticas dos cartunistas Duke e Angeli e vê na internet potencial meio de propagação de cultura crítica a esse cenário.

*Brazil Under Construction* é o resultado da tese de doutorado defendida por Sophia Beal na Universidade Brown em 2011. O estudo é atraente a leitores estrangeiros interessados no tema, pois introduz aspectos fundamentais da cultura política brasileira. A retórica do progresso, propagada por governos democráticos ou totalitários ao longo

do século passado, diz muito sobre a incorporação no país de ideais civilizatórios e iluministas do Ocidente, questionados pelos estudos pós-coloniais que são mobilizados pela autora. Além disso, a pesquisa apresenta como a “modernização conservadora” – termo utilizado, no contexto brasileiro, pelo sociólogo Florestan Fernandes – implementada pelas elites políticas foi sustentada pelo discurso e cultura oficiais, sempre em detrimento da população pobre e marginalizada do país.

O trabalho apresenta também investigações textuais acuradas, tanto de obras ficcionais canônicas, quanto de textos literários geralmente relegados pela crítica a segundo plano. As análises da linguagem literária são articuladas à fortuna crítica dos textos em questão e às teorias às quais a autora recorre no momento. A pesquisa é, ainda, muito bem escrita, com organização clara dos capítulos e preocupação em explicar ao leitor estrangeiro termos próprios da cultura brasileira e de difícil tradução, como *morena* – “a dark skinned Brazilian woman stereotypically iconic of sensuality and beauty” (p.68) –, *banana* – “an obscene gesture with [her] hands” (p. 63) –, *candango* – “the nickname for the construction workers who built Brasília” (p. 88) –, dentre outros.

No entanto, o recorte temporal feito para a pesquisa é muito extenso, o que pode, por vezes, dar ao leitor a impressão de uma visão panorâmica que prescinde da investigação das diferenças e especificidades socioculturais de cada momento histórico abordado. Exemplo disso é a discussão sobre as relações de “dependência” do Brasil, travada na introdução, em que a abordagem da complexidade dos fenômenos históricos discutidos – relativos à “imitação” e à “importação” de modelos exteriores – poderia ser mais aprofundada. Mas, com relação ao objetivo primeiro do livro, voltado aos estudos da cultura, *Brazil Under Construction* é bastante estimulante e convida os leitores ao diálogo e à continuidade da reflexão.

A autora disserta majoritariamente sobre grandes obras dos governos federais. O mesmo processo poderia ser percebido em governos locais e estaduais? Como eles, em menor escala, endereçariam à população a ideologia do progresso, com o levantamento de uma ponte, o recapeamento de uma rua ou a implementação de saneamento básico em determinada área? Por exemplo: quais foram os pronunciamentos oficiais relativos à construção do elevado Costa e Silva (1970), em São Paulo – o famigerado e obsoleto Minhocão –, que hoje acolhe tantos moradores de rua? Qual contraponto uma canção como “A ponte”, de Lenine, cantada com o rapper GOG (2006), faria à imagem oficial sobre a inauguração da ponte JK (2002), em Brasília?

Esses são alguns dos muitos questionamentos que a leitura de *Brazil Under Construction* pode instigar. Por isso, o trabalho interessa, igualmente, aos leitores, pesquisadores e críticos literários brasileiros. Ansiamos, assim, pela publicação do livro em português, prevista para abril de 2017 pela editora Zouk, de Porto Alegre.

